

Educação Decolonial: Contribuições e Perspectivas dos Relatos de Olaudah Equiano e Mahommah Baquaqua.

Emanuel Messias dos Santos de Almeida ¹

RESUMO

Na sociedade contemporânea em que vivemos é nítido o problema do racismo e demais preconceitos e estereótipos envolvendo a comunidade negra; a escola que possui o papel de educar os indivíduos e prepará-los para ser cidadãos críticos e ativos, acaba muitas vezes contribuindo para a reprodução e continuidade deste problema, pois mesmo quando se debate a temática de escravidão e a situação e problemas enfrentados do negro em sociedade, a escola e professores utilizam como referências de abordagem o pensamento eurocentrista, não levando em conta o que nossa ancestralidade africana produziu. Em decorrência desse problema o artigo visa abordar essas questões através dos relatos de dois ex- escravizados: Olaudah Equiano e Mahommah Baquaqua, capturados em sua terra natal e levados à condição de escravizados, escrevendo suas terríveis experiências do tráfico negreiro. Esses relatos são pouco, ou nunca discutidos em sala de aula e muitas vezes desconhecidos pela comunidade escolar, além da inexistência do mesmo nos livros didáticos, mesmo com a lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003 que torna obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira e africana nas escolas, é preciso que este ensino seja desenvolvido com referências importantes que tragam perspectivas que rompam com o pensamento colonial e hegemônico.

Palavras-chave: Educação decolonial , Resistência, Escravidão, Cultura Afro-brasileira, Sociedade.

INTRODUÇÃO

Ao contrário do que pensam, a história do negro e da escravidão não se inicia apenas a partir do tráfico de escravos no Atlântico. Não podemos negar que as invasões coloniais foram fatores que impactaram acentuadamente na dinâmica social dos povos africanos. Entretanto, antes da invasão dos europeus, o continente já havia uma organização enquanto sociedade e uma dinâmica referente a cultura de cada povo que ali viviam e já estavam estabelecidos, já que a África não é um continente homogêneo pois possui uma diversidade muito grande de línguas, religiões, costumes e culturas variantes.

De acordo com (COSTA E SILVA 1994 p.24) “Na África, sempre houve nações, como as definiu Renan: povos unidos pelo sentimento de origem, e língua, história,

¹ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Feira de Santana UEFS, e82003974@gmail.com;

crenças, desejo de viver em comum e igual vontade de destino. E sempre houve noções que se cristalizaram em estados”. Eles viviam em conjunto e compartilhavam de uma cultura apenas, isso que caracterizava um povo em relação a outro. Cada um localizado em seu território comungava esse vínculo e noção de pertencimento a ele, unidos por sua língua, costumes e histórias do qual faziam parte da construção.

Segundo Albuquerque e Fraga, (2006) a África antes da chegada dos europeus era organizada pelo grau de parentesco dos indivíduos em relação a/ao patriarca/patriarca privilegiando sempre a memória dos seus antepassados e mais velhos nos quais de acordo com os mesmos possuíam maior sabedoria. A partir desses laços familiares era possível distinguir a identidade de cada grupo já que seus membros possuíam características em comum.

Atualmente um dos grandes erros ao discutir sobre a África antes dos europeus é ao dar relevância apenas aos impérios e reinos africanos; uma forma de fazer uma breve assimilação aos reinos europeus. Esta ação de certa forma contribui ainda mais para a manutenção e fortalecimento do eurocentrismo já que utiliza a sua cultura como referência para abordagem dos povos africanos.

Na África pré colonial a escravidão era utilizada como uma forma de manter a coesão da sociedade, punição para os que infringiram as leis, estratégia de sobrevivência e até mesmo como alternativa para aumentar o poder de seus reis. Sobre a escravidão doméstica Albuquerque e Fraga, 2006 pontua:

Nesses confrontos era comum que os vitoriosos fizessem alguns escravos dentre os membros de um vilarejo vencido em luta armada. Era a chamada escravidão doméstica, que consistia em aprisionar alguém para utilizar sua força de trabalho, em geral, na agricultura de pequena escala, familiar.(ALBUQUERQUE e FRAGA, 2006, p.14)

A denominada escravidão doméstica já existia na África antes mesmo dos europeus mas era realizada de uma forma totalmente diferente do que ocorreu através do Atlântico. A escravidão transatlântica impactou drasticamente na dinâmica social e na prática da escravidão ocorrida na África pré colonial com a busca constante e intensa de escravos para fins comerciais; um modelo de escravidão jamais visto, com aspectos e finalidades diferentes impactando fortemente nas sociedades que ali viviam.

O objetivo deste artigo é discutir e apresentar as possibilidades de uma educação que rompa com o pensamento colonial europeu que perdura intrinsecamente na sociedade e em todo o sistema de ensino refletindo na percepção de mundo, nas ações e no cotidiano das pessoas, sendo um fator que favorece a perpetuação do racismo e das desigualdades sociais.

A metodologia foi empregada a partir de revisões literárias de diferentes autores que discutem a temática, apresentada neste artigo com uma diversidade de concepções e contribuições para se pensar uma educação na qual valorize e represente a África e a cultura afro-brasileira.

OLAUDAH EQUIANO

Equiano era o irmão mais novo de um casal com sete filhos. Seu pai era um homem muito importante pois era chefe de clã, homem de posses, ancião e membro do conselho que tomava decisões na aldeia, além de sua mãe que lhe ensinou as artes da agricultura e da guerra. Proveu de uma família com condições financeiras e posição social muito boa, já que mesmo seu pai possuía escravos. (REDIKER, 2011)

De acordo com seu relato, ele nasceu no ano de 1745 em um vale chamado Essaka em uma época de crise com muita seca e fome, além de contribuir para um declínio da civilização nri. Provinha de uma sociedade onde as terras eram de propriedade e uso comum, com o seu rico solo e agricultura produtiva.(REDIKER, 2011).

Equiano diz que em sua própria aldeia ocorria a troca de escravos por mercadorias européias através dos chefes que estavam em busca de armas de fogo, pólvora, chapéus e contas para munir seu território em conflitos.(REDIKER, 2011).

Certo dia quando seu povo sai para trabalhar, Equiano e sua irmã permanecem em casa como de costume, e são sequestrados por dois homens e uma mulher que tapam suas bocas e amarram suas mãos. Separado de sua irmã, ele começa a ser vendido, inicialmente para um ferreiro, mas é vendido novamente por homens que o levam rumo ao litoral.(REDIKER, 2011).

Em Barbados foi vendido para um oficial da marinha Michael Henry Pascal que pretendia dá-lo de presente a uma pessoa na Inglaterra. Começou a falar inglês e aprender os ofícios próprios de um navio. (REDIKER, 2011).

No navio negreiro retiraram o seu nome original; à início o chamaram de Michael , na seguinte embarcação que o levou à Virgínia recebeu o nome de Jacob e Com o capitão Pascal, foi chamado de Gustavus Vassa.(REDIKER, 2011).

MAHOMMAH BAQUAQUA

Mahommah Gardo Baquaqua foi nascido em Djougou no atual Benin entre 1824 e 1830 em uma família muçulmana que possuía uma boa condição financeira, pois seu pai era um mercador árabe, seu irmão era adivinho do rei em Saboya, e sua mãe e seus parentes do lado materno tinham ligações com Katsina, um importante centro comercial de grande influência (LOVEJOY, 2002).

Antes mesmo de ser trazido para o Brasil como escravo Baquaqua foi reduzido à escravidão ainda em solo africano por ser capturado pelo exército Axanti e logo resgatado por seu irmão (LOVEJOY, 2002). Ele conta que na África a escravidão praticada durante muitos séculos era terrível, mas não se comparava àquela nova modalidade em que ele estava vivendo, com pessoas sendo arrancado de suas terras e trocadas por produtos, armas e munições.

Outra vez capturado foi trazido ao Brasil como escravo desembarcando em Pernambuco onde foi vendido para um padeiro, em seguida para O Rio de Janeiro onde se tornou escravo e tripulante em um navio no qual tinha como destino Nova York, onde pulou do navio em busca de liberdade (LOVEJOY, 2002). Foi para o Haiti e retornou para os Estados Unidos por conta da guerra no Haiti. Em seus trajetos e ao passar pelas mãos de vários senhores ao ser vendido, sua identidade foi moldada com frequência, chegando até a trocar de nome em algumas situações, além também de se converter ao cristianismo. Baquaqua tinha a busca incansável pela sua liberdade e o sonho que jamais abandonara: voltar à sua terra de origem, para junto do seu povo, recorrendo a missões de associações religiosas como a Missão Mendi e a Missão Livre Batista, todas mal sucedidas. Após 1857 não há relatos do que ocorreu com Baquaqua (LOVEJOY, 2002).

Sua biografia e narrativa foi publicada por Samuel Moore, um editor abolicionista com o título *Biography of Mahommah G. Baquaqua, a native of Zoogoo, in the interior of Africa* (PINTO, 2020).

EDUCAÇÃO DECOLONIAL

Até aqui vimos importantes aspectos da vida de ambos os ex-escravizados que são importantes para compreender como era a dinâmica social da África no período pré-colonial e o impacto que a escravidão causou no continente africano, além de conhecermos e compreendermos melhor o trajeto dos escravizados através do Atlântico.

A educação decolonial visa romper com os estereótipos e preconceitos existentes em relação à África e os negros, juntamente com a escravidão. Para melhor compreendermos a Educação Decolonial os autores (Silva; Brito e Lira. 2022. p 2) pontuam:

A Educação Decolonial configura-se como uma outra perspectiva teórica e metodológica que propõe a construção de estratégias pedagógicas para o enfrentamento do pensamento colonial enraizado nos currículos e no chão da escola. Essa proposição contra hegemônica permite, para além de problematizar os dilemas encontrados no ambiente escolar, tecer novas configurações de pensar uma educação humanizada que respeite e valorize os sujeitos historicamente subalternizados.2022

A partir destes relatos se torna-rá possível a utilização dos mesmos como estratégias pedagógicas para ampliar ainda mais o pensamento dos alunos e utilizar dos conhecimentos prévios que eles possuem que são frutos das suas vivências cotidianas para melhor compreender como a sociedade e os espaços que eles estão inseridos estão estruturados e abordam essas questões e entender que as desigualdades sociais são frutos do processo de colonização, pois a partir disso se tornará possível criar argumentos e meios através de pesquisas para desmistificar o pensamento colonial intrínseco no ambiente escolar e na sociedade.

Fruto de um projeto de autoria dos Deputados Federais Ester Grossi (educadora) e Ben-Hur Ferreira (ativista do movimento negro), apresentado em 1999, a Lei 10.639, que altera a Lei de Diretrizes e Bases – LDB no artigo 26, só foi sancionada pelo Ministro Cristovam Buarque e pelo Presidente Luis Inácio Lula da Silva em 09 de janeiro de 2003, surgindo como resposta do novo governo ao compromisso assumido em campanha de apoio às lutas da população negra

Nesse sentido cabe aos professores que não tiveram formação que abrangesse esse âmbito buscarem soluções através da pesquisa para o cumprimento da lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da história e cultura afrobrasileira e africana na educação básica. Leis essas que não foram dadas ou surgiram por um acaso, são elas frutos de luta e resistências de movimentos sociais e lutas constantes do povo negro em busca de reparação e combate às desigualdade racial e ao racismo estrutural que assola a nossa sociedade.

De acordo com Reis e Andrade (2018, p. 7) “Além disso, para que o projeto decolonial seja posto em prática no contexto brasileiro, é necessária uma reforma educacional, política e curricular no sentido de fornecer o direito à voz dos subalternos, reconhecendo tanto o seu lugar quanto sua condição de subalternidade” (Apud COSTA, 2019, p.15).

No âmbito da educação brasileira, tanto nas universidades quanto nas escolas há a predominância de uma forma de conhecimento eurocentrada que tem por objetivo manter e fortalecer ainda mais o seu poder. Essa reforma educacional irá garantir que ocorra o rompimento com o pensamento colonial que homogeneiza e padroniza os indivíduos para seguir um modelo universal apagando as subjetividades e oprimindo a diversidade como algo banal a ser combatido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme discutido, o propósito desse artigo foi apresentar e discutir a importância dos relatos de Equiano e Baquaqua para promover uma educação decolonial no qual rompa com os estereótipos e preconceitos contidos na escola e no meio acadêmico a fim do cumprimento da lei 10.639/2003 para a formação de sujeitos críticos e reflexivos que compreendam sobre seu cotidiano e a importância dessa temática para a sua formação enquanto cidadão.

Essa lei é muito importante para a valorização da cultura africana e o reconhecimento promovido pela mesma para a formação da identidade do povo brasileiro, opondo-se ao apagamento histórico causado pela colonialidade que segundo Santos, 2018 discute que “ A colonialidade pode ser entendida, mesmo após as independências das colônias, como os efeitos de permanência da cultura do invasor, na relação da modernidade com o etnocentrismo europeu (SANTOS,2018a, 2018b, p 317 apud FREIRE *et al.* 2023, p.473). Ou seja, a colonialidade está relacionada à questões como o racismo que é visto tanto nas falas e atitudes de um indivíduo em relação ao outro por conta da sua pele, quanto em questões como o acesso à saúde, moradia, educação e empregos e a violência causada pelos policiais a esse público. um exemplo claro de racismo estrutural.

Almeida então pontua: “O racismo estrutural não se reduz às práticas individuais e intencionais de discriminação. Ele se manifesta como uma lógica que organiza as relações sociais de modo geral, impregnando as instituições, as práticas e os costumes.” o racismo estrutural está para além de questões individuais; trata-se de algo que foi construído historicamente e herdado pela colonialidade sendo apresentados na sociedade das mais diferentes formas, expressões e práticas que se manifestam de modo aparentemente neutro, mas favorecem a um certo grupo ao mesmo tempo que marginaliza outros. Ele se opera através das instituições como família, escola; além de estar presente nos sistemas de justiça que reforçam e subordinam a população negra. Cabe então à educação romper com essa barreira com a formação antirracista para educadores, que poderão trazer novos discursos com diferentes perspectivas a fim de formar cidadão críticos e conscientes que compreendam esses problemas que a sociedade enfrenta

Por fim, ressaltamos a relevância desses relatos para melhor compreendermos a história contada por personagens que viveram na pele esses acontecimentos que são marcos importantes para a formação da sociedade e população brasileira enquanto país miscigenado e diversificado, daí a importância desse debate e pesquisa no âmbito escolar e acadêmico.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R de, FRAGA FILHO, Walter. Uma história do negro no Brasil / Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ALMEIDA, S. . Racismo Estrutural. São Paulo: Pólen, 2019. p.264

COSTA E SILVA, Alberto da. O Brasil, a África e o Atlântico no século XIX . Estudos Avançados, São Paulo, Brasil, v. 8, n. 21, p. 21–42, 1994.

FREIRE, Paulo. Educação e decolonialidade desde o Brasil: aproximações entre Dussel e Freire. Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia.

LOVEJOY, Paul E. Identidade e a miragem da etnicidade: a jornada de Mahommah Gardo Baquaqua para as Américas. In: Afro-Ásia, 27 (2002)

PINTO, Andrey Soares. Vozes em uma biografia: o caso do ex-escravo M.G Baquaqua, Revista Eletrônica Discente do Curso de História – UFAM, volume 4, número 1, ano 4, 2020.

REDIKER, Marcus. O navio negreiro: uma história humana. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

SILVA, J. R. da .; BRITO, P. A. de .; LIRA, T. S. S. . NA ENCRUZILHADA DA EDUCAÇÃO DECOLONIAL: PERSPECTIVAS E PRÁXIS DOCENTE. *Diálogos e Diversidade*, [S. l.], v. 2, p. e14180, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rdd/article/view/14180>. Acesso em: 20 ago. 2024.